



BULLYING E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Todas as formas de discriminação e violência nas escolas são um obstáculo ao direito fundamental de crianças e adolescentes à educação de qualidade. A violência nas escolas e em outros espaços educativos é um problema mundial, e estudantes que não se conformam aos estereótipos hegemônicos de gênero e sexualidade, incluindo estudantes lésbicas, gays, bissexuais, transgênero* (LGBT) e intersexo, são significativamente mais vulneráveis à violência.

O bullying e a violência contra estudantes LGBT e intersexo têm sido condenados pelo Comitê das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Cultura e a Ciência (UNESCO) e pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), os quais convocaram os governos a melhorar suas ações para enfrentar essas práticas danosas.

O que é a violência homofóbica e transfóbica nas escolas?

A violência homofóbica e transfóbica atinge estudantes que são – ou que são percebidos como – lésbicas, gays, bissexuais ou transgênero. Ela também atinge estudantes cuja expressão de gênero não se encaixa nas normas e nas expectativas sociais, a exemplo dos meninos que são percebidos como “femininos” ou das meninas que são percebidas como “masculinas”.

A violência homofóbica e transfóbica inclui a violência física, sexual e psicológica e também o bullying. Assim como outras formas de violência relacionadas aos espaços educativos, ela pode ocorrer nas salas de aula, nos intervalos, nos banheiros e vestiários, nos trajetos de ida à e volta da escola ou mesmo online. Ainda que aconteça mais frequentemente entre estudantes, ela pode também ocorrer entre professores e estudantes. Em certos casos, essa violência pode atingir, ainda, pessoas que trabalham na escola, particularmente professores e professoras. Ela pode ser

perpetrada por estudantes, por profissionais da escola ou por gestores educacionais.

Estudantes LGBT reportam consistentemente maior prevalência de bullying e violência em comparação aos seus colegas não LGBT. Por exemplo, uma pesquisa realizada na Nova Zelândia demonstra que estudantes lésbicas, gays e bissexuais são três vezes mais propícios a sofrer bullying do que seus colegas heterossexuais, e estudantes transgênero são cinco vezes mais propícios a sofrer bullying do que estudantes não transgênero. Estudantes e profissionais da escola que não se conformam as normas “masculinas” – incluindo homens e meninos que são gays ou bissexuais e mulheres e meninas transgênero – também têm maiores chances de serem alvo de violência. Ainda que a violência homofóbica e transfóbica seja mais tipicamente perpetrada por meninos e homens jovens, meninas e mulheres jovens também podem

provocar essa violência. Estudantes e adultos que testemunham a violência homofóbica e transfóbica muitas vezes não reagem. Isso se deve, em parte, ao fato de que esse tipo de violência está assentada em crenças culturais arraigadas sobre papéis de gênero relacionados à masculinidade e à feminilidade.

O ambiente escolar pode também ser hostil a estudantes LGBT de modo mais implícito. Exemplos incluem professores ou gestores escolares que afirmam que determinadas disciplinas são mais adequadas a determinados estudantes com base em seu sexo, sua orientação sexual, sua identidade de gênero ou sua expressão de gênero, ou, ainda, que reforçam estereótipos em materiais didáticos. Isso pode incentivar o preconceito e a discriminação das pessoas LGBT, que normalmente estão nas bases da violência homofóbica e transfóbica.





Bullying e violência contra pessoas intersexo nas escolas?

Embora haja uma quantidade menor de pesquisas feitas sobre os riscos enfrentados por pessoas intersexo, um estudo feito na Austrália aponta que crianças intersexo também apresentam maior um risco de sofrer bullying e violência nas escolas.

Crianças intersexo também estão frequentemente sujeitas, de maneira reiterada, a cirurgias e tratamentos médicos desnecessários, o que causa dor e sofrimento físico e mental significativos. Isso está relacionado a períodos prolongados e repetidos de ausência na escola e a taxas mais baixas de conclusão da educação secundária em comparação à população geral.

Qual é o impacto do bullying e da violência relacionados aos espaços educativos?

O bullying e a violência relacionados aos espaços educativos têm impacto negativo significativo na educação de estudantes e em suas perspectivas de empregabilidade, assim como em sua saúde e seu bem-estar.

Crianças e jovens que estudam em ambientes discriminatórios ou que sofrem bullying ou violência por serem percebidos como lésbicas, gays, bissexuais, transgênero ou intersexo têm maior probabilidade de não se sentirem seguros na escola, de evitarem atividades escolares, de perder aulas, de não frequentar regularmente a escola ou de evadirem a escola, auferindo resultados acadêmicos mais baixos do que seus e suas colegas. Por exemplo, uma pesquisa conduzida nos Estados Unidos revelou que 70% dos estudantes LGBT não se sentem seguros na escola, e um estudo realizado na China

indicou que 59% de entrevistados LGBT reportaram que o bullying havia afetado negativamente seu desempenho acadêmico. Estudantes transgênero são particularmente vulneráveis a esses riscos. Na Argentina, uma pesquisa de 2007 concluiu que 45% de estudantes transgêneros abandonaram seus estudos, seja por sofrerem bullying transfóbico da parte de colegas, seja por serem ignorados pelos gestores escolares. Um estudo australiano de 2015 descobriu que 18% das pessoas intersexo não haviam completado a educação secundária, em comparação com a taxa de 2% da população geral.

Estudantes com desempenho escolar mais baixo ou que abandonam os estudos mais cedo possuem menores qualificações, o que, por sua vez, influencia suas possibilidades de empregabilidade.

Essa violência pode também ter um efeito prejudicial na saúde física e mental, incluindo risco maior de ansiedade, medo, estresse, perda de confiança, baixa autoestima, solidão, automutilação, depressão e suicídio. Pesquisas feitas na Bélgica, nos Países Baixos, na Polônia e nos Estados Unidos sugerem que estudantes e jovens LGBT têm entre duas e cinco vezes mais probabilidade de pensar ou tentar suicídio em comparação a seus colegas.





A resposta do setor de Educação

Há um reconhecimento cada vez maior dos impactos negativos do bullying e da violência contra pessoas LGBT e intersexo. Ainda que poucos países já tenham posto em prática uma resposta abrangente, países de todas as regiões têm tomado medidas para enfrentar esses desafios. Na Namíbia, o Currículo de Habilidades para Vida inclui o aprendizado e a discussão sobre diferentes sexualidades. Nas Filipinas, as Normas Implementadoras e Reguladoras da Lei Antibullying incluem referências ao bullying com base em orientação sexual e identidade de gênero.

Educação publicou orientações para as escolas a respeito da identidade de gênero de estudantes transgênero. Na Colômbia, o Departamento de Educação do Distrito de Bogotá conduziu um estudo sobre bullying homofóbico nas escolas de educação secundária. Malta adotou uma política antidiscriminação que menciona especificamente a situação de estudantes transgênero e intersexo nas escolas.

Pontos de ação

Países:

- Monitorar sistematicamente a prevalência da violência nas escolas, incluindo a violência com base em orientação sexual, identidade/expressão de gênero e características sexuais, além de avaliar as respostas do setor de Educação.
- Desenvolver e implementar políticas educacionais nacionais e abrangentes para prevenir e reagir a essa violência, garantindo que o currículo e os materiais didáticos sejam inclusivos.
- Proporcionar treinamento e apoio aos professores e outros profissionais da escola na prevenção e na reação à violência no ambiente escolar, incluindo a violência homofóbica e transfóbica e a violência contra estudantes intersexo.

Você, seus amigos e outras pessoas também podem fazer a diferença:

- Escute seus colegas LGBT e intersexo e eduque-se sobre as questões que eles enfrentam.
- Denuncie sempre que você testemunhar qualquer forma de bullying, violência ou insultos contra pessoas LGBT e intersexo.
- Esteja certo de utilizar uma linguagem respeitosa e de referir-se a qualquer pessoa utilizando os termos, os pronomes, o gênero e o nome que ela usa para se identificar.





Escolas e profissionais:

- Garantir que o ambiente escolar é seguro, inclusivo e acolhedor para todos os estudantes, incluindo aqueles que são LGBT ou intersexo.
- Oferecer a estudantes e suas famílias acesso a informação objetiva e precisa sobre orientação sexual, identidade/expressão de gênero e características sexuais.
- Oferecer a professores treinamento e apoio sobre como lidar com bullying e violência contra estudantes LGBT e intersexo.
- Agir para enfrentar casos de bullying, insultos e xingamentos contra estudantes LGBT e intersexo.
- Fornecer apoio a estudantes que vivenciam bullying, assim como a suas famílias.
- Dar o exemplo: não propagar estereótipos negativos e danosos sobre pessoas LGBT e intersexo.
- Referir-se às pessoas utilizando os pronomes, gênero e nome que elas usam para se identificar.
- Não se referir ou mesmo revelar a orientação sexual, identidade de gênero ou status intersexo de uma pessoa sem o consentimento dela.
- Estabelecer parcerias mais amplas com organizações locais da sociedade civil e a comunidade escolar para mobilizar ações ou marcar dias específicos de combate à discriminação contra pessoas LGBT e intersexo.

